

REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS ACERCA DA PSICOLOGIA INSERIDA NA COMUNIDADE

THEORETICAL – PRACTICAL REFLECTIONS ABOUT COMMUNITY-BASED PSYCHOLOGY

Fernando César Paulino-Pereira - Possui graduação em Psicologia - Formação de Psicólogo pela Universidade Metodista de Piracicaba (2000), graduação em Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (1994), graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (2000), mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1999), doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006), Pós-Doutorado pela PUC-SP em Psicologia Social (2015). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Goiás. Doutor em Psicologia Social. Universidade Federal de Goiás. E-mail: epifania.cps@gmail.com

Libna Raquel Barbosa de Sousa Mendes - Possui graduação em Psicologia bacharelado e licenciatura (2018) pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (UFG/RC). Atua na área de Psicologia hospitalar como residente no programa de Residência multiprofissional em Saúde do HC/UFG- Área de concentração Urgência e Emergência. Graduada em psicologia. Universidade Federal de Goiás. E-mail: libnaraquel383@gmail.com

Romildo Rodrigues Neves Junior - Possui licenciatura e bacharelado em Psicologia (2017) pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. É mestre em História (2019), pela mesma instituição. Atualmente é coordenador externo do Projeto de Extensão “Psicologia na Comunidade” na UFG/RC. Mestre em História. Universidade Federal de Goiás. E-mail: romildoufg@hotmail.com

RESUMO

O projeto de extensão “Psicologia na Comunidade” é desenvolvido pelos discentes de psicologia da Universidade Federal de Catalão e supervisionado pelo professor-orientador em reuniões que acontecem semanalmente. O projeto consiste em atender à comunidade externa de zona periférica da cidade de Catalão-GO com o objetivo de proporcionar à comunidade saúde e bem-estar, além de promover reflexões sobre aspectos da vida cotidiana. O trabalho é realizado semanalmente por três estudantes em horário fixo. Esses encontros se dão em um salão, comumente, chamado “Casa da Sopa”. Após esta prática os relatos são registrados em Diários de Campo para posterior discussão durante a supervisão com o professor, as quais são embasadas em textos correspondentes à Psicologia Social Comunitária. Assim, o presente ensaio possui como objetivo realizar um relato de experiência do trabalho desenvolvido na comunidade em um bairro da cidade supracitada, bem como realizar a integração entre a teoria e prática do psicólogo neste contexto. Até o presente momento foi possível observar o benefício deste trabalho para as pessoas que participam do grupo, no que tange ao acolhimento de seus sofrimentos psíquicos e assuntos da vida cotidiana que causam angústia e dor. Destarte, é notória a importância do psicólogo na comunidade atendendo a demanda e atuando conjuntamente com os demais profissionais da equipe de saúde do bairro. Em se tratando de uma cidade do interior de Goiás, onde a profissão do psicólogo é pouco enaltecida, faz-se necessário levar esse saber psicológico à comunidade ratificando o trabalho profícuo que a psicologia, tem a oferecer.

Palavras-chave: Psicologia social. Psicologia comunitária. Relato de experiência.

ABSTRACT

The Extension Project “Psychology in the Community” is developed by students of psychology at the Federal University of Catalão and supervised by the professor-advisor in meetings that take place weekly. The project consists of serving the external community in the peripheral area of the city of Catalão-GO in order to provide the community with health and well-being, in addition to promoting reflections on aspects of daily life. The work is carried out weekly by three students at fixed hours, these meetings take place in a hall, commonly called “Casa da Sopa”. After this practice, the reports are recorded in Field Diaries for later discussion during supervision with the teacher, which are based on texts corresponding to Community Social Psychology. Thus, the present essay aims to provide an experience report of the work developed in the community in a neighborhood of the aforementioned city, as well as to integrate the psychologist’s theory and practice in this context. Up to the present moment, it has been possible to observe the benefit of this work for the people who participate in the group, with regard to the reception of their psychological suffering and issues of daily life that cause anguish and pain. Thus, the importance of the psychologist in the community is notorious in meeting the demand and working together with the other professionals of the neighborhood health team. In the case of a city in the interior of Goiás, where the profession of the psychologist is little praised, it is necessary to take this psychological knowledge to the community ratifying the fruitful work that psychology has to offer.

Keywords: Social psychology. Community psychology. Experience report.

INTRODUÇÃO

A Psicologia por muito tempo ocupou espaços privilegiados em relação a seus locais de atuação, entre clínicas particulares e instituições. No entanto, ultimamente o psicólogo tem se inserido em espaços nos quais anteriormente não existia a presença deste profissional. Um desses lugares é a Comunidade, entendida aqui como pensa Freitas (1996) uma psicologia voltada para as comunidades empobrecidas, minorias sociais, vulneráveis e em situação de exclusão; colocar a psicologia a serviço dessas pessoas; colaborar para que essas pessoas se organizem e reivindiquem por suas necessidades básicas e melhorias das suas condições de vida, exercendo seu papel político na sociedade. Sendo assim, se faz necessário construir novos fazeres que atendam as demandas desses novos locais de atuação.

Embasando-se no materialismo histórico dialético, Lucília Augusta Reboredo (1983) apresenta uma concepção de pesquisador, na qual deve-se atuar visando transformação social. Assim, o pesquisador inserido nessa nova forma de fazer ciência atua também como “interventor da realidade social” a fim de utilizar o conhecimento para transformar o mundo de forma ativa, e não apenas tentar explicar ou descrevê-lo.

Assim sendo o pesquisador comprometido com as causas populares, deve compreender e utilizar a metodologia como um plano de ação ou um caminho que deve ter como objetivo a conscientização, mobilização e organização da população, assim como basear os critérios de cientificidade na compreensão de que o grau de verdade da metodologia está na capacidade de dar respostas aos problemas da vida cotidiana. (REBOREDO, 1983, p. 42)

Consoante Reboredo (1983) é necessário redefinir as práticas dos psicólogos comunitários, para voltem seu interesse para os estudos e ações na vida cotidiana, buscando assim novas metodologias de intervenção; é nesta que acontece a relação entre indivíduo e sociedade.

Assim, o presente trabalho possui como objetivos gerais realizar um relato de experiência das ações desenvolvidas na comunidade em um bairro da cidade de Catalão/GO, bem como realizar a integração entre a teoria e prática do psicólogo neste contexto. Enquanto objetivos específicos: a) demonstrar por meio desse estudo o papel da psicologia na comunidade; b) estreitar os laços entre Universidade e Comunidade; e, c) destacar a relevância da Extensão Acadêmica.

Nesse sentido, este trabalho justifica-se uma vez que se faz importante o desenvolvimento da psicologia no que tange aos estudos e práticas em contextos fora dos muros da universidade, alcançando a população que não tem acesso a tais serviços, bem como possibilitar a construção de novos saberes para a área enquanto ciência e profissão. Portanto, visamos uma psicologia que esteja a serviço da comunidade, atuando e intervindo na vida cotidiana das pessoas, para que possa, através de sua intervenção, proporcionar um espaço de fala-escuta, conscientização-transformação político-social da população.

Para tanto, a pesquisa é de caráter qualitativa, utilizará de mecanismos como a pesquisa ação, forma de transformação social do local de inserção, o diário de campo como instrumentos de registro e coleta de dados. Além da intersecção entre teoria-prática realizada no campo de prática.

Segundo B. Miranda (2008), a pesquisa qualitativa é um tipo de investigação indutivo e descritivo, na medida em que o investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados. Consoante Robert Bogdan e Ari Biklen (2003), a pesquisa qualitativa abarca alguns conceitos básicos característicos desse tipo de estudo, que são: o ambiente social, os dados descritivos, a preocupação com o desenvolvimento do processo e com o significado dos dados na análise indutiva.

De acordo com Reboredo (1983), a pesquisa-ação orienta e norteia o pesquisador, pois permite o contato “sujeito-sujeito”, estabelecendo como base um compromisso social com eles. Na pesquisa-ação o indivíduo é compreendido de forma dialética, ativo e passivo, pois provoca e sofre ações nas relações sociais. É um sujeito que age de maneira ativa na sociedade, sendo produto e produtor da mesma.

Para a obtenção do aporte teórico e conceitual que nos dará suporte, utilizaremos os recursos da pesquisa bibliográfica; textos que tratam da psicologia comunitária e da prática do psicólogo na comunidade.

Para registro e material de análise, utilizamos do diário de campo (DC) a fim de não perdemos para o tempo detalhes importantes que surgiram e se destacaram no campo. Consoante Araújo et al., o DC é importante, pois permite a “[...] apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo. O DC também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa [...] (2013, p. 54)”. Assim, por meio do DC, conseguimos levar de modo detalhado, as nossas impressões bem como a prática exercida. Foi por meio dele que o professor orientador ficou a par dos acontecimentos, apresentando medidas e propostas que iria nos orientar durante as próximas ações a serem executadas no campo.

No que tange à prática dos estudantes na comunidade, a mesma se deu por meio de encontros com a comunidade nas segundas-feiras à noite, com duração de aproximadamente duas horas. Esses encontros aconteceram num espaço chamado “Casa da Sopa”, assim conhecida pelos moradores, pois o lugar servia gratuitamente à comunidade uma refeição aos sábados. Atualmente, a “Casa da Sopa” funciona como um bazar e está sendo o espaço para os encontros com os extensionistas do curso de Psicologia da UFCAT (Universidade Federal de Catalão).

Nesses encontros são discutidos assuntos/temas que dizem respeito ao cotidiano dos

moradores do bairro, variando de acordo com a demanda do grupo. Temas como política, saúde, sociedade, educação, o outro, o eu, e o bem comum da comunidade tem ganhado pauta nas discussões. Cada pessoa é ouvida, e assim o grupo movimenta-se num sentido de desconstrução de saberes cristalizados, preconceitos e discriminação, tendo por objetivo, acolher, ouvir e intervir.

REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de estudar a sociedade de uma forma crítica teve sua notoriedade nas décadas de 1970 e 1980. Segundo Lane (2012) nessas décadas ocorreram movimentos mais amplos da avaliação crítica do papel social das ciências, onde anteriormente a este movimento o pesquisador se deparava com o paradigma da neutralidade científica, e cabia a ele a não inserção em seu objeto de estudo.

É relevante destacar que o psicólogo comunitário deve trazer consigo um olhar amplo para as questões históricas e sociais, portanto visão em paralaxe, evitando cair na cristalização sobre o grupo, visto que ele “[...] não é mais considerado como algo dicotômico em relação ao indivíduo, mais sim como condições necessárias para conhecer as determinações sociais que agem sobre o indivíduo”. (LANE, 2012, p. 78). Assim, a presença do e no grupo é a condição para a compreensão dos determinantes sociais que atuam sob o sujeito. É através deles que se compreendes o papel do indivíduo na sociedade, bem como sua forma de atuação no mundo. É a partir da vivência grupal que o sujeito se expressa, se representa e se constrói.

Desse modo, Lapassade (1983) afirma que a dinâmica do grupo se constitui na verdade como “dialética dos grupos”, considerando seu aspecto inacabado e sempre em construção. Assim, o grupo para o autor será sempre uma “totalização em processo”, nunca finalizado, sempre em movimento. O contrário do é a anti-dialética, na qual os grupos encontram-se reificados.

Lane (2012) afirma que ao realizar uma análise do indivíduo é necessário se atentar ao grupo ao qual ele pertence, sua classe social, bem como, a relação dialética entre outros aspectos. Assim, a autora propõe quatro pontos fundamentais para análise do indivíduo inserido num processo grupal, de acordo com o materialismo dialético: o primeiro deles é considerar o fato de que o homem é em sua essência alienado, se atentando que existem dois níveis operando: o da vivência subjetiva, que reproduz a ideologia do capitalismo através do individualismo, e o da realidade objetiva que é carregada de papéis sociais já cristalizados e amalgamados na intenção da manutenção do *status quo*.

O segundo ponto importante a ser considerado na análise do sujeito é o fato de todo grupo só existir a partir de instituições, seja a família, a fábrica, a igreja, a universidade e até mesmo o próprio Estado. Assim, é necessário considerar o tipo de inserção do grupo em tais instituições. Em terceiro lugar é necessário considerar a história de vida de cada membro fundamental no decorrer do processo grupal. O quarto ponto levantado pela autora é que a dialética se desenvolverá sempre ancorada no nível das determinações concretas, pois é nessa onde ocorre o desempenho de papéis que reproduzem relações de dominação e exclusão. É através das determinações concretas que se pode atuar para a desconstrução de ideologias e papéis pré-determinados.

Nesse sentido, o grupo social é a condição para a conscientização do indivíduo, bem como, as mediações institucionais que produzem relações sociais cristalizadas com objetivo de manutenção das relações de produção. Além disso, é necessário que

para o processo grupal e para a superação das contradições existentes é a necessidade de o grupo analisar-se enquanto tal. O grupo que apenas executa tarefas sobre transformações que, se não forem resgatadas conscientemente pelos membros, ele apenas se reajusta, sem que ocorra qualquer mudança qualitativa nas relações entre seus membros. (LANE, 2012, p. 97).

Martins (2007) toma como base a concepção histórica e dialética do processo grupal presente na obra de Lane (2012) e afirma que o conceito de grupo não é baseado somente em um agrupamento de pessoas que carregam regras e metas comuns. Para a autora, é necessário compreender o grupo como um conjunto de vínculos e relações entre pessoas “com necessidades individuais e/ou interesses coletivos que se expressam no cotidiano da prática social”. (MARTINS, 2007, p. 77). Portanto, o grupo não é tão somente definido a partir da soma de seus membros, o processo grupal envolve, além disso, relações de poder, assim como, a identidade grupal.

Sendo assim, Martins (2007) afirma que um dos papéis que a psicologia social pode desenvolver é o de estudar o indivíduo mediado de suas relações sociais e determinado pelas relações de produção. Nesse mesmo sentido, a psicologia comunitária apresenta a possibilidade da educação e desenvolvimento da consciência social no interior dos mais diversos grupos. É no aí que os indivíduos passam a perceber problemas e situações comunitárias advindos de sua própria realidade social e condições de vida, assim, passam a enxergar tais problemas não como questões individuais, mas ultrapassam para um nível coletivo, e a organização social, diferente da ação individual isolada, pode propiciar a resolução de parte desses problemas e sanar as necessidades comuns.

Contudo, o sujeito que está nessa dinâmica grupal não está livre da alienação que a realidade lhe impõe, uma vez que o movimento grupal tenderá a tratar todos como massa ao mesmo tempo como série. Consoantes Peters, Paulino-Pereira e Soares (2007) para que ocorra a superação da serialidade da alienação, institui-se a práxis do grupo, gerando um movimento de unificação das liberdades, e, com ela, a relação de reciprocidade. Pois, a lógica de ação grupal, não é possível pensar o processo grupal como algo que está totalmente pronto e acabado, ele é sempre um processo histórico e dialético.

Percorrendo esse caminho da inquietação, o movimento grupal evolui sobre a tensão de pólos contrários “[...] a dispersão e a alienação, relação do Eu e Tu e o grupo organizado que é convivência comunitária, a relação de Nós.” (PETERS; PAULINO-PEREIRA; SOARES, 2007, p. 18). O sujeito emancipado, ou seja, capaz de produzir novos sentidos para a sua vida, é convidado a deixar a experiência do *Eu* e do *Tu* e passa a desfrutar da socialização num sentimento de *Nós*. A identidade construída dentro deste *Nós* se faz presente na legitimidade humana que se mostra em constante construção e metamorfose.

Sartre apresenta uma didática de movimento de humanização que ocorre na mediação do grupo, formando umas práxis que cria

[...] a possibilidade de resgatar a subjetividade e conseqüentemente o projeto individual, mas é, também, a maneira pela qual o sujeito conhece a realidade. Neste sentido, a práxis é pensada na dimensão epistemológica do materialismo histórico, ou seja, o homem conhece a realidade ao transformá-la (REBOREDO, 1995. p. 33).

Dentro desse mesmo pensamento, a filosofia sartreana aponta duas vertentes grupais no que diz respeito ao indivíduo inserido no grupo. A primeira é sobre uma práxis de processo (passagem do homem-serial ao homem-grupal) e a segunda, práxis grupal, que conduzem a práxis individuais formadoras dos conjuntos humanos. Visto que a dialética apresenta uma movimentação que busca conscientizar o sujeito, o processo é pensando da seguinte maneira:

Serialidade, período em que o sujeito está alienado a sua situação; *Fusão*, período em que se luta pela liberdade; *Juramento*, período em que os sujeitos se vêem como “irmão de causa”; *Organização*, período em que o grupo se reúne para a solução de uma problemática comum; *Fraternidade-Terror*, período em que o grupo passa pela tensão da quebra do grupo; e por último, *Institucionalização*, período em que enfatiza a estrutura e organização. Vale destacar que o processo não ocorre em espiral crescente, isolado e de maneira única, pelo contrário, ele se deriva de momentos progressivos e regressivos. (REBOREDO, 1995)

Além disso, Paulino-Pereira (2011) postula ações norteadoras para se trabalhar com processos grupais, com objetivo de compreender a movimentação dos sujeitos, assim como do próprio grupo nos campos: afetivo, valorativo e operativo. Podemos dizer que o campo afetivo está associado com a qualidade das relações interpessoais, uma vez que, essas só existem quando os membros do grupo reconhecem a importância uns dos outros. Por outro lado, o campo operativo está relacionado com as habilidades desenvolvidas pelo grupo para concretização de seus objetivos, isto é, a forma pelas quais os sujeitos se organizam para cumprir determinada tarefa. Por fim, o campo valorativo diz respeito a um conjunto de valores éticos, morais e religiosos, que tem como objetivo criar valores comuns de acordo com a necessidade do grupo, a partir da identidade de seus membros.

É a partir do campo operativo que o grupo se movimenta e se mobiliza para atingir seus objetivos comuns, ligado a causas mais concretas. Assim, o papel do psicólogo na comunidade é promover e desenvolver a conscientização do grupo, para que este se movimente de forma autônoma a fim de alcançar o bem comum, integrando teoria e prática, promovendo assim uma reflexão “terapêutica-educativa”.

É no campo operativo que ocorre o desenvolvimento de habilidades para o grupo materializar seus objetivos. Aqui teoria e prática permitem uma reflexão de caráter terapêutico-educativa em função dos conceitos de sujeito e objeto, ação e envolvimento do fazer psicológico com o campo (VAZ, 2017, p. 15).

Além da integração teoria e prática através do processo de conscientização de grupos e comunidades, a ação do psicólogo deve promover a práxis, colaborando com a organização e fortalecimento dos mesmos, através de uma atuação baseada no compromisso com a transformação social, bem como a conscientização dos sujeitos, conforme afirma Paulino-Pereira (2011, p. 14) “o psicólogo social crítico deve ter como meta contribuir para o fortalecimento de mecanismos que permitam a organização e a conscientização das pessoas”.

Assim, Paulino-Pereira, aponta que cabe aos profissionais de psicologia “[...] auxiliar na identificação das demandas sociais e na elaboração de propostas para a construção de um projeto de sociedade que se aproxime dos ideais humanitários, garantindo igualdade e equidade nas relações sociais” (2014, p. 52). O trabalho do psicólogo deve estar voltado para a transformação social emancipatória e politizada, dando voz ao sujeito. Assim, é necessário que o psicólogo inserido na comunidade contribua para promover conscientização e transformação social.

Portanto, é necessário que a psicologia volte seu interesse e intervenções na vida cotidiana, pois ela é o centro da relação entre indivíduo e sociedade. Nessa concepção de ciência, o pesquisador é comprometido com a transformação social através do conhecimento científico, sem desconsiderar também o saber popular. Assim, o objetivo da atuação do pesquisador em conjunto com a comunidade deve visar à emancipação, conscientização e organização da população, conforme afirma Reboredo,

o pesquisador comprometido com as causas populares deve compreender e utilizar a metodologia como um plano de ação ou um caminho que deve ter como objetivo a

conscientização, mobilização e organização da população, assim como basear os critérios de cientificidade na compreensão de que o grau de verdade da metodologia está na capacidade de dar respostas aos problemas da vida cotidiana (1983, p. 42).

Como já fora apontado, é por meio dos grupos que se dá o contato com a comunidade, além do mais os grupos estão organizados em escolas, instituições, empresas, bairros, famílias, etc. Maria de Fátima Quintal Freitas (1996, p. 194) afirma que “a psicologia comunitária, apoiada nas formulações teóricas da psicologia social, prioriza a atuação junto aos grupos, de maneira a viabilizar o advento de consciências críticas e de identidades que se guiam por concepções éticas solidárias”. Onde se faz relevante discutir os processos psíquicos formados pelo grupo, ou seja, socialmente construído, havendo uma junção de aspectos biológicos e culturais que se estabelece em constante articulação.

Faz-se importante/necessário discutir dois conceitos teóricos-metodológicos importantes na temática do trabalho em comunidades: a escuta e autoria. A autoria, no sentido de possibilitar a mobilização e autonomia, promovendo à autogestão, reinvenção do próprio grupo; a escuta como ferramenta/instrumento que reconhece e legitima as diferenças entre os sujeitos e as necessidades do grupo. A escuta, assim, se constitui como uma ferramenta importante no estabelecimento da autoria.

Através da escuta o psicólogo pode reconhecer o sujeito (ou o grupo sujeito) em sua forma de existir, legitimando o lugar deste outro e abrindo espaço de diálogos, circulação de falas e saberes entre eles. [...] a escuta permite que as diferenças presentes nos modos de existir sejam reconhecidas, legitimadas e problematizadas, sendo importante na produção de exercícios de autoria. [...]. A autoria, conforme entendemos, implica um movimento de criação só passível de ser exercido dentro de redes de conversações, que produz uma intervenção nos laços sociais com a finalidade de permitir uma nova maneira de expressão, uma nova forma de o sujeito se posicionar dentro de seu espaço de convivência. Assim, é possível que outras formas de apropriação se deem, tanto no sentido do sujeito se perceber capaz de vivenciar sua história dentro de um novo modo, com horizontes mais amplos do que em seu movimento anterior; como também no modo de interagir e de se relacionar com a alteridade (SCISLESKI; MARASCHIN; TITTONI, 2006, p. 56).

QUANDO A PSICOLOGIA SAI DA UNIVERSIDADE E VAI PARA A COMUNIDADE.

Através da psicologia comunitária, os psicólogos atuam entre o individual e o coletivo, por que ambas as estruturas corroboram para a formação do comunitário, onde ocorre o processo de produção e transformação dos significados por sentidos dos sujeitos pertencentes a este ciclo da sociedade. Devemos nos atentar não apenas para o quê o sujeito apresenta no presente, mas também o que ele já passou, dessa forma possamos acompanhar a historicidade do sujeito na sua completude, e que permite o uso de artifícios que facilite o diálogo entre esses indivíduos que ao mesmo tempo são individuais e coletivos, visando à colaboração dos mesmos para uma reflexão que gere uma transformação das condições enquanto grupo.

As intervenções grupais aconteciam a partir de técnicas grupais ou vivências. As técnicas grupais de acordo com Reboredo (1994) contribuem de forma positiva no caminhar do grupo, uma vez que proporcionam um espaço lúdico e aberto para o diálogo e discussão. Assim, as vivências são levadas a fim de mediar às movimentações dos sujeitos no campo afetivo, valorativo e operativo. As técnicas são utilizadas como recursos mediadores e facilitadores da qualidade de vida, assim como, das relações sociais. Ainda segundo a autora supracitada, as técnicas devem ser escolhidas de acordo com a intencionalidade teórica dos coordenadores e o diagnóstico situacional do grupo a partir do levantamento de demandas.

Nesse sentido, as vivências grupais eram realizadas tendo em vista os seguintes momentos: 1) Quebra-gelo - a partir de recursos lúdicos e técnicas grupais; 2) Vivência - realização de uma técnica norteadora para discussão posterior; 3) Roda de conversa- espaço para partilha de afetos, emoções e percepções diante das intervenções realizadas. É a partir do terceiro momento, que se abre o espaço para reflexão, questionamentos e transformação da realidade.

Portanto, no decorrer dos encontros foi possível discutir e trabalhar questões sobre: autocuidado, coletividade, política, apoio mútuo, saúde, educação dentre outros. Tais temáticas eram discutidas a partir das demandas dos participantes diante das intervenções. Assim, cada encontro possibilitava um caminho para o encontro seguinte, visto que através da escuta ativa, eram percebidas as necessidades e demandas grupais.

Por meio dessa ação na comunidade, foi possível visualizar de perto como os indivíduos passam por agruras e estão desassistidos pelas políticas públicas e ações que deveriam resguardar os direitos fundamentais do ser humano, como direito à saúde, lazer e educação. Trabalhamos com o concreto e com o que nos é apresentado, diante dessas situações de sofrimento e angústias o nosso posicionamento sempre girou em torno de (in) formação desses indivíduos acerca dos seus direitos, bem como o de buscar estratégias para solucionar os problemas apresentados. Por meio de ideias e diálogos caminhamos no sentido de conscientizar a comunidade para requerer os seus direitos, e evitar o retrocesso dos direitos já adquiridos, além de acolher as dores e angústias advindas das mazelas enfrentadas diariamente pela população.

Houve momentos no grupo que percebíamos a necessidade de as pessoas falarem de questões internas que resultaram numa crise de ansiedade ou depressão, fazendo com o quê, esses sintomas as impedissem de trabalhar, vivenciar o lazer, socializar, assim, vivências grupais deram espaço para momento de fala e acolhimento para lidarem com tais dificuldades. Ademais, quando necessário, realizávamos encaminhamentos e orientações para a busca de um acompanhamento psicológico individual, na clínica escola de psicologia da universidade, bem como nas unidades de saúde do município.

Portanto, no decorrer dos encontros promovidos na comunidade a partir dos grupos, foi possível perceber a movimentação dos sujeitos nos campos afetivo, valorativo e operativo. Os participantes compartilhavam ali seus afetos, desafetos, traziam seus valores e os integravam na ação do grupo, criando assim, estratégias de enfrentamento e resistência frente às condições em que viviam.

Para Lane,

[...] o psicólogo na comunidade trabalha fundamentalmente com a linguagem e representação, com relações grupais - vínculo essencial entre o indivíduo e a sociedade – e com as emoções e afetos próprios da subjetividade, para exercer sua função a nível da consciência, da atividade e da identidade dos indivíduos que irão, algum dia viver em verdadeira comunidade (1996, p. 31).

Desse modo, nossa ação visava o concílio dos três níveis que constituem o sujeito: atividade, consciência e identidade. É por meio do grupo que nos constituímos e somos constituídos, compartilhar das dores e sofrimentos bem como, dos momentos de felicidade pelo o qual os sujeitos ora ou outra passavam - momento raro de acontecer – possibilitou o andamento e a consolidação da vivência comunitária.

Nesse sentido, além da história do grupo, muitas vezes as histórias pessoais dos participantes eram foco da discussão, sendo que os mesmos realizavam a intersecção com a situação discutida naquele encontro. Nesses momentos, realizávamos o acolhimento e a escuta, a fim de legitimar e reconhecer a importância da história de vida daquele sujeito para o grupo como um todo.

Assim, através da escuta das dificuldades e necessidades do grupo, as intervenções eram realizadas a fim de promover a autoria do mesmo, de modo que os próprios participantes conduziam e direcionavam o foco das discussões. Cabendo a nós coordenadores o papel de apontar as contradições, possibilidades e responsabilidades diante de suas ações. O trabalho era realizado de forma contínua e conjunta com a comunidade, numa relação “sujeito-sujeito” (REBOREDO, 1983), na qual a distância e objetivismo não faziam parte da relação.

Outro ponto de atenção, que discutimos e que se apresentou ser eficaz e efetivo foi desconstruir a visão comum que o grupo tinha de que na comunidade era cada um por si, regia um sentimento de individualidade que aparecia constantemente durante as vivências. A ordem sistêmica é a de que cada indivíduo siga só, haja sem a organização do grupo ou consciência da realidade que o rodeia. É mais fácil para o sistema político-econômico vigente controlar, manipular e oprimir quando estão lidando com indivíduos serializados, reconhecidos apenas por sua singularidade e alienação. Assim, o grupo caminhou de um momento do *Eu e Tu*, para uma relação alicerçada no *Nós*, conforme afirma Reboredo,

o trabalho grupal permite também dar concretude a tese de que os indivíduos tornam-se humanos na “convivência” coletiva, podendo, ainda, eliminar o isolamento do Eu e Tu na sociabilidade do nós. [...] O psicólogo que atua junto aos movimentos populares deve ter como meta contribuir para o fortalecimento de mecanismos que permitam a organização e a conscientização das pessoas. Isto só é possível à medida que a alienação do Eu e Tu evolua para uma relação comunitária na qual o nós passe a ser o sujeito da ação (1995, p. 24-25).

Assim como a comunidade se auto-produz no movimento grupal, o (a) psicólogo (a) comunitário (a) também constrói a si mesmo na interação com o grupo-sujeito. A atuação em um campo diferente daqueles já estabelecidos proporciona a criação de novos espaços de intervenção para o profissional, trazendo a psicologia à comunidade, contribuindo com suas intervenções, para a transformação e mobilização social.

Dessa forma, ao chegar à comunidade, mesmo encontrando desafios a serem superados, compreendemos que a nossa atuação, de modo transversal, imerge enquanto prática ao lidar com fatores objetivos que a população traz até nós e, subjetivos quando impactam diretamente na constituição identitária das pessoas. A ação na Casa da Sopa é direta, e visa imediatamente o fortalecimento da população que se encontra em situação de vulnerabilidade social, assim como fortalecer os recursos que beneficiam essas pessoas. Uma vez que não contamos com um grupo concreto e estável, pelo contrário, sempre nos deparamos com uma permutação dos moradores do bairro nos encontros, se faz necessário estar sempre em discussão as pautas da comunidade.

Tendo em vista essa característica, os temas discutidos sempre retomam em outros momentos, ao contrário do que nos leva a pensar que cairíamos numa monotonia, cada vez que conduzimos o grupo, sendo ele com as mesmas vivências seguidas de partilha e escuta terapêutica nos damos conta de que a aprendizagem e o convívio entre o próprio grupo caminham para o processo emancipatório de cada um presente.

Embora seja aberto e a pessoa conta com a opção de participar, conhecer o projeto, compartilhar suas vivências e fazer parte do grupo, percebemos que muitos após receber a acolhida e o apoio terapêutico-educativo decidem não mais participar do processo por se sentirem bem depois que a sua dor, angústia e sofrimento, foram sanadas ou minimizadas por meio do grupo. Trabalhamos para que todos se percebam importantes e participantes nos encontros enriquecendo a vivência.

Ao fim, a relevância de nosso trabalho foi sendo explicitamente apresentada na medida em que os próprios moradores da comunidade se dirigiam a nós para narrar os benefícios e

a superação dos momentos de aflição. Conciliar todo o conhecimento adquirido no decorrer da graduação e colocá-lo em prática é algo que nós, estudantes de psicologia devemos fazer, sobretudo quando os resultados começam a aparecer concretamente diante de nós. Desse modo, mais do que relevante, se faz obrigatório a expansão do projeto para outros cursos de graduação. Entendemos o conhecimento como interdisciplinar, portanto, são campos que dialogam em função do bem comum. A psicologia tem muito a contribuir nas mais diversas áreas e está disposta a promover reflexões que integre a participação popular nas políticas que almejam a emancipação da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do projeto de extensão na “Casa da Sopa”, encontramos algumas dificuldades, como a aceitação e participação da comunidade, assim como a frequência dos moradores nos grupos. Não obstante esses fatores, não deixamos que impossibilitassem a nossa prática, pelo contrário, encaramos como desafios e entraves a serem superados. Hoje podemos afirmar que o nosso objetivo tem sido alcançado com grande êxito, pois a comunidade em si faz questão de nos dar um *feedback* acerca de como eles têm se posicionado mediante alguns problemas político-econômicos que acontecem dentro da comunidade. Ter esse olhar voltado para o outro e suas relações na sociedade foi nossa preocupação e cuidado desde o início. Proporcionar saúde, bem-estar e interação Universidade/Comunidade foi outro ponto crucial que levamos em conta e fazemos questão de destacar.

A atuação no projeto de extensão possibilitou a aproximação da psicologia com a comunidade, contribuindo assim, para transformação da visão da comunidade acerca do profissional de psicologia, como aquele que ocupa apenas um lugar clínico, bem como corrobora com a construção de uma Psicologia voltada para a comunidade e suas necessidades, construindo e garantindo novos espaços de atuação do (a) psicólogo (a).

Sendo assim, conclui-se que a metodologia utilizada foi suficiente para abarcar a dimensão da pesquisa, uma vez que a pesquisa-ação possibilitou a integração da teoria e da intervenção prática na comunidade. O diário de campo foi um instrumento importante durante o processo, pois contribuiu para a coleta de dados, bem como para análise e compreensão das demandas do grupo. Ademais, a pesquisa bibliográfica contribuiu de forma positiva, visto que foi possível realizar um apanhado teórico capaz de embasar nossa atuação no contexto da Psicologia Comunitária.

Destarte, os objetivos iniciais da pesquisa foram cumpridos, uma vez que foi realizada a integração entre a teoria e prática, através da intersecção das experiências vivenciadas, com o aporte teórico da Psicologia Comunitária, realizando a discussão e análise do fazer do psicólogo inserido na comunidade. Além disso, foi evidenciado o papel da psicologia inserida na comunidade como agente de transformação social. Através da atuação foi possível estabelecer uma ponte entre Universidade e Comunidade, bem como, fortalecer a importância da pesquisa, ensino e extensão universitária como forma de possibilitar a comunidade local o acesso aos frutos dessa tríade.

Á guisa de conclusão dessa pesquisa, nós ratificamos que a extensão universitária tem muito a oferecer no campo onde ela é executada, pois permite o contato direto entre teoria e prática, academia e sociedade, é práxis sendo desenvolvida e experienciada. Embora tenhamos lidado com saberes diferentes, são dois campos que unidos contribuem para a formação humanitária e sociopolítica de cada sujeito envolvido.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. F. S. de et al. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Vitória, p. 53-61, jul./set. 2013.
- BOGDAN, R.; BIKEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 12. ed. Porto: Porto, 2003.
- FREITAS, M. de F. Q. de. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. *In*: CAMPOS, R. H. F. (org.). **Psicologia social comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 54-80.
- LANE, M. T. S.; CODO, W. (org.) O processo grupal. *In*: **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- LANE, S. T. M. Histórico e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil. *In*: CAMPOS, R. H. F. (org.). **Psicologia social comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 17-34.
- LAPASSADE, G. Dialética dos grupos das organizações das instituições. *In*: **Grupos, organizações e instituições**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- MARTINS, S. T. F. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre o fazer pensar e sentir em Silvia Lane. *In*: **Psicologia e sociedade**, v. 19, n. 2, Ed. especial, p. 76-80. 2007.
- MIRANDA, B. **Método quantitativo versus método qualitativo**. [S. l.: s. n], 2008.
- PAULINO-PEREIRA, F. C. Ampliando a discussão sobre a teoria da identidade e emancipação humana. *In*: **Psicologia social e identidade humana**: a militância social como luta emancipatória. Jundiaí: Paco, 2014.
- PAULINO-PEREIRA, F. C. **Psicologia crítica**: integração entre teoria e prática na comunidade. Goiânia: Ed. da PUC-GO, 2011.
- PETERS, S.; PAULINO-PEREIRA, F. C.; SOARES, S. R. Intervenção em processos grupais e a questão da identidade de adolescentes em situação de pobreza. **Travessias**: Pesquisa em Educação, Cultura e Linguagem e Arte, v. 1. 2007.
- REBOREDO, L. A. **De eu e tu a nós**: o grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1995.
- REBOREDO, L. A. **A transformação de um bairro operário numa comunidade**: um estudo da psicologia social do cotidiano. São Paulo: PUC, 1983.
- REBOLEDO, L. A. **As técnicas grupais como recurso educativo**. Piracicaba: Unimep, 1994. Apontamentos em sala de aula.
- SCISLESKI, A, C, C.; MARASCHIN, C.; TITTONI, J. A psicologia social e o trabalho em comunidades: limites e possibilidades. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 40, n. 1, p. 51-58, 2006.

VAZ, D. M. F. G. **O grupo terapêutico-educativo como método de intervenção Psicossocial:** a contribuição de Lucília Augusta Reboredo. Catalão: Universidade Federal de Goiás. Campus Catalão, 2017.

Data de recebimento: 22 de janeiro de 2020.

Data de aceite para publicação: 31 de março de 2020.